

# O USO DE TECNOLOGIAS ASSISTIVAS COMO INSTRUMENTO MEDIADOR NO PROCESO DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS SURDOS

Izabel Cristina F. da S. Limeira  
SEDUC  
izabel\_limeira@hotmail.com

Jamille Sousa Duarte  
SEDUC  
jamille-duarte@hotmail.com

**Resumo** O presente trabalho objetiva levantar quais são as principais dificuldades ocorridas no processo de leitura e interpretação textual de alunos surdos; e verificar, a partir do uso de tecnologias assistivas, quais são as mudanças ocorridas na construção da compreensão do sentido da leitura, pois como a aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua (L2) é complexa para esses sujeitos, é preciso pensar que para a apreensão dessa língua são utilizadas estratégias que vão além da decifração de letras. Para atender os objetivos propostos, observamos diversas sessões de leitura e interpretação textual dos alunos surdos do 5º ano da Escola de Audiocomunicação de Campina Grande (EDAC). Ao analisarmos os dados colhidos nestas sessões, verificamos que, em todas elas, os alunos interagem entre si e com a professora na busca da construção coletiva de significações e de conhecimentos acerca dos textos lidos. Esse fato, nos leva a crer que, também, para a educação de surdos, o uso de tecnologias assistivas é imprescindível como um instrumento mediador da aprendizagem, pois como sua relação com a Língua Portuguesa é de L2, o uso desses recursos nos processos educativos e linguísticos e a cooperação entre pares são fatores de notável relevância no processo de construção dessa língua.

**Palavras-chaves:** Tecnologias Assistivas; Ensino de Língua Portuguesa; Educação de Surdos.

## Introdução

A função biológica e cerebral da linguagem é aquilo que mais profundamente distingue o homem dos outros animais. A linguagem diz respeito a um sistema constituído por elementos que podem ser gestos, sinais, sons, símbolos ou palavras, que são usados para representar conceitos de comunicação, idéias, significados e pensamentos.

Para tanto, os surdos, tem como língua materna a Língua de Sinais Brasileira (Libras) e é através desta que ecoam seus pensamentos e sua comunicação com o meio externo. Sendo esta uma língua espaço visual, seu formato e estrutura diferem da língua de modalidade oral auditiva, em especial, a Língua Portuguesa, sendo esta, segunda língua (L2) para os surdos.

Tivemos a oportunidade de fazer observações em aula de Língua Portuguesa para surdos no tocante a leitura e interpretação de texto. Essas aulas foram observadas em turmas

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

de 5º anos na Escola Estadual de Audiocomunicação (EDAC), pelo período de 03 meses, as análises levaram ao entendimento de que os alunos interagiam entre si e com a professora na busca da construção coletiva de significações e de conhecimentos acerca dos textos lidos.

Foi a partir desses momentos que foram utilizados mediadores como a tecnologia assistiva para melhor compreensão do assunto ministrado.

## **Metodologia**

Para atender os objetivos propostos, observamos diversas sessões de leitura e interpretação textual dos alunos surdos do 5º ano da Escola de Audiocomunicação de Campina Grande (EDAC). A fim de traçarmos o perfil do alunado da turma, aplicamos um questionário, previamente redigido, com cada um deles, que contemplava questões pessoais, tais como: idade, sexo, naturalidade, nível de escolaridade, entre outras.

A coleta de dados da nossa pesquisa foi realizada a partir do modelo de relatório para observação participativa em sala de aula e na sala de leitura, elaborado por nós através de estudos na área.

Dentre as aulas observadas, algumas eram direcionadas à leitura e interpretação de textos próprios da literatura surda, que abordavam aspectos culturais e linguísticos da referida comunidade. Respondemos ao nosso modelo de relatório e realizamos anotações que julgamos relevantes, registrando assim, as aulas em fotos e vídeo-gravações.

No início da sessão de leitura, a professora propôs aos alunos que os surdos realizassem uma leitura individual do texto. No entanto, observamos que em nenhum momento a leitura ocorreu de forma solitária e individualizada. Ao contrário, a todo instante, eles interagiam entre si e com a professora na busca da construção coletiva de significações e de conhecimentos a respeito do texto em estudo. Esse fato ocorrido, segundo Nogueira (1997), contesta a ideia, ainda muito difundida no meio escolar, de que para ler é necessário silêncio e concentração.

Com as informações coletadas, traçamos um plano de ação para inserir as tecnologias assistivas no processo de leitura e interpretação textual, visto que esse recurso pode ser usado como instrumento de mediação pedagógica em sala de aula de alunos surdos.

Para esse trabalho de mediação do processo de aquisição da leitura e de interpretação textual usamos recursos de tecnologias assistivas como livros infantis com histórias contadas em Libras, alfabeto móvel, jogos da memória, quebra-cabeça, trilhas, dicionário de Libras

online, vídeos educativos, jogos em Libras online, dentre outros. As vivências desse processo serão descritas a seguir.

As histórias infantis são elementos essenciais para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança surda, pois contribuem para a aquisição de novos vocábulos, ampliam a comunicação e expressão e promovem o desenvolvimento da imaginação, emoções e sentimentos.

Sendo assim, iniciamos nossas vivências com a apresentação da história “Cinderela Surda”, uma releitura do clássico infantil que insere elementos da cultura e identidade surda. Esse livro constitui-se como um excelente recurso de tecnologia assistiva, pois trata-se de uma literatura bilíngue, ou seja, escrita em Língua de Sinais e em Língua Portuguesa, promovendo acessibilidade e inclusão dos surdos ao mundo da literatura.

Nas ilustrações apresentadas no livro, encontramos apenas elementos essenciais, não contendo muita poluição visual, ou seja, imagens distribuídas de maneira que o leitor não se confunda com o que elas querem nos transpor, reforçando o modo como os surdos lêem e relêem o texto, uma vez que os mesmos usam elementos visuais em substituição aos sonoros, ao contrário da cultura ouvinte.

As expressões faciais e corporais das personagens também são elementos marcantes na história, visto que representam um parâmetro fundamental na Língua de Sinais para compreensão do que está sendo dito.

Após a leitura e releitura da história em Libras, os alunos puderam manusear o livro e realizar, inicialmente, a leitura dos elementos não-verbais contidos no mesmo. Ler imagens é uma habilidade muito importante para o surdo, pois essas pistas visuais que vão auxiliá-lo, posteriormente, na compreensão da leitura da palavra.

Após a vivência da história através do mundo em Libras, lhes apresentamos o mundo da escrita, como indica Quadros e Schmiadt (2006) ao afirmar que a escrita terá uma representação em Língua Portuguesa após mediação por uma língua em que haja significação. Nesse caso, entende-se a Língua de Sinais como essa língua de significação para a compreensão e produção em Língua Portuguesa.

Sendo assim, planejamos uma sequência de atividades utilizando o alfabeto móvel em Língua Portuguesa e em Libras para que as crianças conhecessem e ampliassem o repertório de letras e palavras, comparando-as quanto à quantidade, a variedade, a posição e a ordem das letras. Nessas atividades trabalhamos, principalmente, o nome das personagens a fim de potencializar nos alunos a capacidade de memorização de novos vocábulos. Essas

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

atividades também se constituem como tecnologia assistiva, uma vez que todo material foi adaptado para atender as necessidades do aluno com surdez.

Com o objetivo de continuar ampliando o vocabulário das crianças envolvidas nessas ações, trabalhamos com o uso do Dicionário de Libras, pois acreditamos que o mesmo cumpre um papel importante no aprendizado desta linguagem, pois considera as peculiaridades desta linguagem. Entre as diferenças, a Libras não faz distinção de gêneros, ou seja, não existe masculino e feminino ou plural. Sinais diferenciados são usados para dizer que é homem ou mulher, um ou mais.

Há opções online e físicas de dicionário de Libras de diversas editoras e institutos. Podemos encontrar uma versão online no site [www.dicionariolibras.com.br](http://www.dicionariolibras.com.br). A página conta com dicionário e vários jogos interativos para o internauta praticar as sentenças.

Posteriormente, utilizamos a dinâmica do “Texto Fatiado”, que consistem em recortar o texto em tiras e pedir para que as crianças em grupo ou individualmente montem o texto que está fora de ordem. No momento da realização dessa atividade o texto original deve estar preso em lugar visível para servir de fonte de consulta, sempre que as crianças precisarem.

Após esses momentos de familiarização com o texto estudado, seguimos para um próximo passo que é a realização de atividades escritas de interpretação textual.

Como a leitura e a interpretação textual são elementos primordiais, visto que constituem uma etapa fundamental para a aprendizagem da Língua Portuguesa na sua modalidade escrita pelo surdo, as atividades propostas devem seguir os princípios de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira ou de segunda língua (L2).

Segundo Ferreira Brito(1999):

O ensino do Português deve ser ministrado para Surdos da mesma forma como são tratadas as línguas estrangeiras, ou seja, em primeiro lugar devem ser exploradas todas as experiências lingüísticas na primeira língua dos Surdos (LS) e, depois, sedimentada na linguagem das crianças, ensina-se a língua majoritária (LP) como segunda língua. (p. 62)

Sendo assim, elaboramos atividades que contemplando as orientações acima. Veja:



ESCOLA: \_\_\_\_\_  
NOME: \_\_\_\_\_  
DATA: \_\_\_\_\_

## ATIVIDADE

Após a leitura do livro em sala de aula, responda as seguintes questões:



01- Marque um X no título do livro:

- a) ( ) A BELA ADORMECIDA
- b) ( ) CINDERELA SURDA
- c) ( ) RAPUNZEL SURDA
- d) ( ) OS TRÊS PORQUINHOS

02- Circule as personagens que aparecem na história:

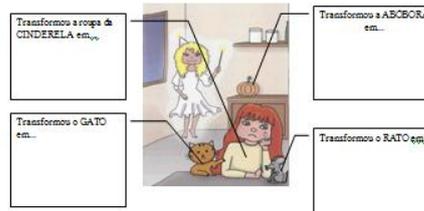


05- Descubra no diagrama abaixo o nome das personagens da história:

X	P	C	I	N	D	E	R	E	L	A
P	R	I	N	C	I	P	E	B	G	J
F	M	A	D	R	A	S	T	A	E	W
G	H	K	R	A	T	O	R	U	H	K
C	G	A	T	O	R	T	Y	U	I	O
D	L	E	P	E	E	A	A	D	T	E
F	A	D	A	W	Q	G	H	I	O	P



06- Observe a cena abaixo, em seguida descreva nos espaços indicados as transformações que a FADA fez:



Os alunos puderam ainda desfrutar também de momentos de brincadeira e descontração através do acesso a jogos digitais em Libras como estratégia de ensino do Português em sua modalidade escrita.

Para concluirmos a sequência de atividades realizamos ainda uma oficina para produção de um jogo da memória e de um quebra-cabeça, pois acreditamos que por meio da brincadeira às crianças mergulham num processo natural de aprendizagem fortalecendo assim, as suas funções cognitivas.

Após o término dessas vivências, constatamos um notório despertar das crianças surdas pelo mundo da leitura e da escrita, pois todo processo se deu de forma dinâmica e prazerosa.

Os resultados do nosso trabalho serão discutidos a seguir de forma mais detalhada.

## Resultados

Após a análise dos dados colhidos na nossa pesquisa, pudemos perceber que, para a efetivação do processo de construção e significação da leitura foi imprescindível o uso de tecnologia assistiva diversificadas. Num contexto de sala de aula de aprendizes de uma segunda língua, a vivência de processos interativos tecnológicos de forma cooperativa, tanto entre professor e aluno, quanto entre o aluno e seus pares, ajudam a construir o conhecimento.

Isso se observa de forma mais efetiva, no caso dos surdos, que por possuírem uma limitação sensorial, tem o seu acesso negado à modalidade oral de uma língua e, conseqüentemente, a informações importantes veiculadas, exclusivamente, através de uma

língua oral, uma vez que os surdos são uma minoria linguística, inserida numa macrocomunidade de ouvintes. Sendo assim, eles necessitam de informações adicionais para edificar seus conhecimentos e isso ocorre, principalmente, por meio das relações interpessoais, com usuários de Língua de Sinais (LS).

A autora Arcoverde (2008, p. 155), ressalva que diversos estudos comentam sobre “as possibilidades de uso das tecnologias digitais nas práticas educacionais, como um suporte eficaz”, se refere ao ensino em ambientes que promovem a interação social, citando Alves e Nova (2003) que incorporam “uma nova concepção de aprendizado e interatividade nas diversas áreas do conhecimento”, pois a partir do momento em que nossos alunos estão inseridos em ambientes virtuais que promovam a aprendizagem, podemos e devemos rever nossas concepções a respeito de ensino e aprendizagem, promovidos pela tecnologia assistiva.

Desse modo, é relevante que o professor propicie aos seus alunos, situações interativas de construção e partilhamento do conhecimento, através de um fazer pedagógico dinâmico e prazeroso com uso de tecnologias assistivas mediando a construção do conhecimento, pois, segundo Karling (1991, p. 23), é indispensável “(...) a motivação no processo e o ato de ensinar como sendo um meio de procurar descobrir interesses, gostos, necessidades e problemas dos alunos, (...) prover materiais e criar um ambiente favorável para o estudo”. Com isso, ele estará fornecendo as ferramentas necessárias para que haja o desenvolvimento e fortalecimento linguístico, cognitivo e social dos surdos, pois além de tornar a aprendizagem mais real e significativa, facilitará a internalização dos saberes.

Para a educação de surdos, o uso de tecnologias assistivas é imprescindível em LS, pois como os surdos possuem uma limitação sensorial e, em virtude disso, têm acesso restrito a informações importantes para sua formação cognitiva, a intervenção do professor como mediador e facilitador dos processos educativos e a cooperação entre pares são de suma importância.

## **Discussão**

Diante dos estudos relacionados a aquisição da leitura e interpretação textual no ensino de Língua Portuguesa para surdos, das observações das aulas seguindo a leitura e interpretação textual em Língua Portuguesa e da intervenção com o uso de tecnologia assistiva, iremos discutir a respeito desses aspectos.

Segundo Sánchez (1999, p. 38), “a linguagem é definida como uma função superior, um instrumento mental único e específico da espécie humana”. Para ele, a linguagem só pode

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

ser expressa mediante de uma língua que pode ser falada (com palavras ou com sinais) ou escrita.

Os surdos, por possuírem uma limitação sensorial, têm acesso restrito ou nem um acesso à modalidade auditiva de uma língua. Porém, no que se refere à aquisição e ao domínio da língua de sinais, eles não apresentam nenhuma restrição, devido ela ser uma língua de modalidade gesto visual e natural para os surdos. Para que possam adquirir a língua de sinais de forma efetiva, eles precisam, desde os primeiros anos de vida, serem imersos na comunidade surda. A esse respeito, Rodrigues (1993), citado por Luján (1993), nos diz que o acesso aos sinais não é limitado por nenhum entrave biológico, o que não ocorre com a fala, a exposição a Língua Brasileira de Sinais (Libras) garante à criança surda a possibilidade de adquirir linguagem nos estreitos limites dos primeiros anos de vida. No entanto, para que ocorra o processo de inserção dos mesmos na sociedade majoritária é imprescindível proporcionar ao surdo um acesso pleno a Língua Portuguesa, que é tida para eles como segunda língua, tanto para serem inseridos em ambientes culturais, assumindo assim um papel protagonista no meio social, como, de modo especial, para acessarem a modalidade escrita da língua, viabilizando atingirem certos níveis de reflexão teórica e conhecimentos mais complexos.

Sendo a língua de sinais uma língua natural e que desempenha o papel de suporte linguístico, possibilitando o acesso a dimensão simbólica e a subjetividade, de modo semelhante ao papel exercido pela língua na modalidade oral para o desenvolvimento de uma criança ouvinte, ela é o elemento facilitador no processo de aprendizagem da Língua Portuguesa, que será obtida como segunda língua(L2).

Nesse processo de aprendizagem da Língua Portuguesa como L2, a leitura e a interpretação textual devem ser preocupações primordiais, visto que constituem uma etapa fundamental para a aprendizagem da escrita.

A aprendizagem da Língua Portuguesa, torna-se ainda mais complexa para os surdos pelo fato das metodologias de ensino de Língua Portuguesa, normalmente estarem voltadas exclusivamente, no aspecto fônico da língua, por seu uma língua oral auditiva, e o ensino se da muitas vezes de forma descontextualizada e mecânica, há metodologias específicas para o ensino de Língua Portuguesa como L2 para surdos, respeitando sua aprendizagem não oral auditiva, portanto, pensamos na importância do professor ter acesso a materiais que possibilitem uma prática efetiva, garantindo assim, uma aprendizagem adequada pelo seu

alunado. O resultado, para os sujeitos surdos, acaba sendo um desenvolvimento precário e insuficiente tanto na modalidade escrita quanto na interpretação da Língua.

Por esse processo ser muito complexo, requer estratégias que vão além da decifração de letras. Silva (2001, p. 43), comunga desse pensamento ao nos afirmar que:

É necessário enfatizar que as condições de aprendizagem da leitura e da escrita no processo de escolarização do aluno surdo dependem, por via de regra, do modo pelo qual são encaradas suas dificuldades e as diferenças ocorridas no processo educacional pelas instituições.

Desse modo, podemos afirmar que não necessitamos de novos métodos de alfabetização, mas de propostas pedagógicas mais efetivas que possam, verdadeiramente, promover a constituição da leitura e da escrita dos alunos surdos. Na decorrência de uma prática de ensino de língua, seja tanto da L1 como da L2, o processo de construção do objeto linguístico não pode e não deve ser reduzido à pura exposição das formas da língua, a um ensino descontextualizado, desvinculado da historicidade da relação professor – aluno, como se a língua pudesse ser reduzida à assimilação passiva de um sujeito em condição biológica para fazê-lo.

Constatamos isso, ao observarmos sessões individuais de leitura e interpretação de textos realizados pelos alunos surdos do 5º ano da Escola de Audiocomunicação de Campina Grande (EDAC). Nessa ocasião, pudemos perceber que essas práticas escolares se davam de maneira limitada. No entanto, quando os alunos recebiam ou solicitavam alguma mediação pedagógica para executarem tais práticas, ocorria o inverso, a leitura deixava de ser artificial para se tornar uma construção social de compreensão de sentidos.

Desta forma, Arcoverde (2008) nos lembra a respeito da historicidade de aprendizagem do surdo quando coloca

Sabemos que as práticas de letramento pelas quais as pessoas são submetidas na vida, na escola, no trabalho e nas organizações sociais, de uma maneira geral, são amplamente reconhecidas como definidoras de melhores índices no exercício efetivo da leitura e escrita em outros contextos de uso. Esse vínculo leva-nos a argumentar que as dificuldades que, provavelmente, alguns surdos viveram e que os colocaram mais evidentes em lugares sociais distintos somam-se ao processo de letramento limitado que muitos deles experimentaram (p.162)

Podemos observar que houveram práticas no ensino em geral e, em especial, a surdos que os deixam à margem de uma educação eficaz, desta forma, os estudos revelam que matérias da tecnologia assistiva auxiliam na aprendizagem dos alunos.

Assim, instigadas por essas observações, nos propomos a investigar a relação existente entre a mediação pedagógica e o processo de leitura e interpretação textual dos alunos surdos.

Nesse sentido, vimos que há uma infinidade de recursos os quais podem potencializar as habilidades e proporcionar uma relação produtiva, dos alunos, com os objetos da aprendizagem. Um desses recursos é o uso de tecnologia assistiva com a qual é possível complementar, aumentar e suplementar a educação de crianças e jovens com necessidades educativas especiais através de recursos, serviços ou produtos que, usados de forma adequada e planejada, podem redefinir os conceitos de deficiência, limitação e incapacidade.

Tecnologia Assistiva é um termo ainda novo, utilizado para identificar todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e conseqüentemente promover vida independente e inclusão.

Segundo BRASIL (2009) em novembro de 2006 o Comitê de Ajudas Técnicas da Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, instituído pela Portaria n° 142, assume que a

Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (p. 138)

Os recursos são todo e qualquer item, equipamento ou parte dele, produto ou sistema fabricado em série ou sob medida utilizado para aumentar, manter ou melhorar as capacidades funcionais das pessoas com deficiência, podem variar de uma simples bengala a um complexo sistema computadorizado. Estão incluídos brinquedos e roupas adaptadas, computadores, softwares e hardwares especiais, que contemplam questões de acessibilidade, dispositivos para adequação da postura sentada, recursos para mobilidade manual e elétrica, equipamentos de comunicação alternativa, chaves e acionadores especiais, aparelhos de escuta assistida, auxílios visuais, materiais protéticos e milhares de outros itens confeccionados ou disponíveis comercialmente. Os Serviços são prestados profissionalmente à pessoa com deficiência visando selecionar, obter ou usar um instrumento de tecnologia assistiva. Como exemplo, podemos citar avaliações, experimentação e treinamento de novos equipamentos.

Os serviços de tecnologia assistiva são normalmente transdisciplinares envolvendo profissionais de diversas áreas, tais como: Fisioterapia, Terapia Tcupacional (TO), Fonoaudiologia, Educação, Psicologia, Enfermagem entre outros que auxiliam diretamente uma pessoa com deficiência a selecionar, comprar ou usar os recursos acima definidos.

Encontramos também terminologias diferentes que aparecem como sinônimos da Tecnologia Assistiva, tais como “Ajudas Técnicas”, “Tecnologia de Apoio“, “Tecnologia Adaptativa” e “Adaptações”.

Compreendemos que “para as pessoas sem deficiência a tecnologia torna as coisas mais fáceis. Para as pessoas com deficiência, a tecnologia torna as coisas possíveis” Radabaugh, (1993) citado por Bersch (2018), é incorporando a ideia de que a tecnologia surgiu para facilitar e aprofundar assuntos que nos deparamos com o ato de ensinar e aprender ser possível.

### **Conclusões**

O uso de recursos de tecnologia assistiva no ambiente escolar deve preocupar-se em facilitar e alavancar o processo de ensino e de aprendizagem, proporcionando um leque de oportunidades pedagógicas, terapêuticas e funcionais que colocam o indivíduo em interação com os objetos de aprendizagem devido à variedade de recursos que viabilizam uma série de adaptações e adequações de ordem física, ambiental e estrutural.

Sendo assim, nós como educadores, temos que utilizar estes recursos como uma ferramenta criativa a favor da educação inclusiva seja, pelo uso criativo do computador e da internet como fonte de pesquisa, ou pela possibilidade de utilização de instrumentos de acessibilidade os quais, pela sua estrutura, reduzem a distância entre o desenvolvimento potencial e o real dos envolvidos no processo.

Para tanto, é necessário que sejamos capazes de identificar as tecnologias apropriadas, ou seja, aquelas que atendem à necessidade real dos alunos, proporcionando aos mesmos, condições de atuarem ativamente na construção da sua aprendizagem.

Para a educação de surdos, a mediação pedagógica através de tecnologias assistivas é de suma importância para o processo de leitura e interpretação de alunos surdos, pois, através dessa estratégia pedagógica, os surdos buscam não apenas decodificar as palavras, mas elaboram conceitos a partir delas, mostrando com isso, o resultado de práticas mentais superiores de abstração e generalização. Com isso, eles ampliam seu campo lexical e constroem significações importantes durante o processo de leitura e interpretação textual.

### **Referências**

ARCOVERDE, Rossana. Surdos e Tecnologias digitais: uma prática de uso social da linguagem. In Tecendo os desafios da Inclusão: caminhos do fazer e do saber fazer. Joao Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

BRASIL. Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Comitê de Ajudas Técnicas. Tecnologia Assistiva . – Brasília: CORDE, 2009. p. 138

BERSCH, Rita. Introdução a Tecnologia Assistiva. Porto Alegre, 2017.  
[http://www.assistiva.com.br/Introducao\\_Tecnologia\\_Assistiva.pdf](http://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf)  
Acesso em 10 de março de 2018.

FERREIRA BRITO, L. F. Integração social e educacional de surdos. Rio de Janeiro: Babel, 1999.

KARLING, Agemiro Aluísio. A Didática Necessária. São Paulo: IBRASA, 1991.

LUJÁN, M. .A. As crianças surdas adquirem sua língua. In: Moura, M.C.; Lodi, A.C.B. e Pereira, M.C.C. (orgs.). *Língua de sinais e educação do surdo*. São Paulo: Tec Art, 1993, Série de Neuropsicologia, 3.

SÁNCHEZ, Carlos. La lengua escrita: ese esquivo objeto de la pedagogia para sordos y oyentes. In: SKLIAR, Carlos. Atualidade de educação bilíngüe para surdos. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SILVA, Marília da P. Marinho. *A construção de sentidos na escrita do aluno surdo*. São Paulo: Plexus, 2001.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. Ideias para ensinar português para alunos surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2006. 120 p